

## **Acolhimento do aluno estrangeiro – o aspecto humano na gestão**

**Márcia Silveira<sup>1</sup>**

msilveira@fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz

### **Resumo**

A crescente mobilidade estudantil faz emergir novas questões relacionadas à recepção de alunos estrangeiros. Com base na experiência de admissão e acolhimento de alunos de pós-graduação estrangeiros em uma instituição de pesquisa e ensino em saúde, o texto discute as principais dificuldades relatadas pelos alunos em sua adaptação e a busca de estratégias institucionais para enfrentamento das problemáticas apresentadas. A maior parte dos alunos provém de países africanos e da América do Sul e chega por meio de programas de governo, tais como o Programa Estudante Convênio de Pós Graduação (PEC-PG).

Embora a instituição não tenha realizado ainda uma pesquisa sistemática quanto às principais dificuldades encontradas pelos estudantes, dados preliminares indicam que questões relativas à moradia, à assistência médica e à burocracia legal, são os obstáculos preponderantes no processo adaptativo dos estudantes. Estas conclusões são coerentes com resultados de estudos anteriores. Entretanto, percebe-se no atendimento aos alunos que, junto às necessidades básicas, tais como a moradia, e às exigências legais, tais como Visto ou Cadastro de Pessoas Físicas (CPF), ocultam-se necessidades emocionais, frequentemente expressas sob a forma de visitas repetidas ao setor do ensino internacional, mesmo que não exista uma questão objetiva a ser resolvida.

As particularidades decorrentes do processo adaptativo do estudante internacional sugerem, de acordo com a literatura, a necessidade de serviços direcionados especificamente para o estudante estrangeiro.

**Palavras- chave:** Internacionalização do Ensino Superior. Acolhimento de Estudantes Estrangeiros. Ajustamento Social

---

<sup>1</sup> Graduada em psicologia, mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca; analista de gestão do Ensino Internacional da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz

## **Introdução**

A mobilidade estudantil que ocorre nos dias de hoje entre países deve ser compreendida como parte de um contexto maior no qual se insere e não de maneira isolada. Muito embora as universidades tenham desde seus primórdios forte presença internacional — já na Idade Média, as *universitas* recebiam estudantes de distintas regiões e países em busca de conhecimento (Stallivieri, 2004) — a conjuntura atual é bastante diversa. No cenário internacional, se por um lado o fim da Guerra Fria proporcionou espaço para a inclusão de temas sociais (Rubarth, 1999), tais como a educação, por outro lado a ascensão hegemônica do capitalismo tem resultando muitas vezes na priorização de lógicas mercantilistas de obtenção de competitividade e de eficiência econômica na educação.

A percepção de que a produtividade e a competitividade dos agentes econômicos dependem essencialmente da capacidade de apropriabilidade do conhecimento, levou à associação da educação ao comércio. Particularmente em termos da cooperação acadêmica, Schmidt & Martins (2005) consideram que as características da fase atual estão relacionadas aos processos de globalização e integração internacional que, por seu cunho assimétrico, aguçam a competitividade por docentes, pesquisadores e estudantes. Desta forma, é fundamental que sejam adotadas perspectivas que contemplem adequadamente aspectos sociais e econômicos.

Em uma visão mais ampla, uma das formas adotadas pelo Brasil para uma internacionalização solidária e mais simétrica é o Programa Estudante Convênio de Pós Graduação (PEC-PG), administrado conjuntamente pelo Departamento Cultural (DC) do Ministério das Relações Exteriores (MRE), pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O PEC-PG oferece bolsas no Brasil para estudantes estrangeiros provenientes da África, Ásia, Oceania, América Latina e Caribe. O Programa prioriza países que apresentem candidatos no âmbito de programas nacionais de desenvolvimento socioeconômico acordados com o Brasil e apresenta, dentre seus objetivos, o aprimoramento da qualificação de professores universitários, pesquisadores, profissionais e graduados do ensino superior, visando sua contribuição para o desenvolvimento de seus países. Fica assim caracterizada a inserção do aspecto social — e não meramente econômica — na cooperação acadêmica entre países. Contudo, o

que chamamos “aspecto social” está presente não apenas nas políticas e normas, mas se concretiza na vida cotidiana, nas instituições<sup>2</sup> que regem ações individuais e coletivas. Instituições são as normas, regras e preceitos que regem as sociedades; são construções enraizadas na cultura, ainda que nem sempre sejam claramente explicitadas.

Moretto & Terzis (2009, p.43), consideram que:

a instituição é uma formação da sociedade e da cultura que segue uma lógica própria; a instituição se opõe ao estabelecido pela natureza. Ao cumprir suas funções, ela realiza funções psíquicas múltiplas para os sujeitos singulares, em sua estrutura, dinâmica e economia psíquica. Mobiliza afetos que contribuem para a regulação endopsíquica e asseguram as bases da identificação do sujeito ao grupo social. Elas nos precedem e nos determinam, constituindo o fundo da vida psíquica no qual podem ser depositadas e contidas as partes mais primitivas e indiferenciadas da personalidade.

As instituições encontram-se profundamente arraigadas nos indivíduos, tanto naqueles que chegam — os estudantes — quanto naqueles que os recebem, representados aqui pelas pessoas que interagem na recepção e/ou acolhimento dos estrangeiros. É deste aspecto individual, do social refletido nas relações cotidianas, que trata o acolhimento de alunos estrangeiros.

## **O acolhimento de alunos estrangeiros**

### **O que significa acolher? Dificuldades e desafios**

Os significados do verbo “acolher” podem ser muito diferentes na língua portuguesa. Enquanto no Dicionário da Priberam da Língua Portuguesa acolher significa “receber em sua casa; recolher, receber com agrado, recolher-se ou refugiar-se”, de acordo com o Dicionário Aurélio, acolher pode significar, além dos semelhantes “abrigar-se ou refugiar-se”, “receber alguém **bem ou mal** (grifo meu), hospedar, agasalhar, aceitar, receber”. Uma vez que dicionários apresentam-se como obras de referência<sup>3</sup>, há que se atentar para que preceitos/instituições estão disseminadas em nossa sociedade e refletir

---

<sup>2</sup> Existem várias definições para “instituição”. O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013), consultado em 23-04-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/institui%C3%A7%C3%A3o> diferencia os termos “instituição” e “instituições”, oferecendo para o primeiro os significados de a) fundação; b) organização; c) estabelecimento de caridade ou de utilidade pública; d) ato de conferir canonicamente um benefício (instituição canônica); e) nomeação de herdeiro e para o segundo os significados de a) leis fundamentais; b) regras ou c) preceitos. No presente trabalho foram utilizadas as duas acepções de instituição, de acordo com o sentido do texto: ora instituição refere-se à Fundação Oswaldo Cruz, como no resumo, ora no sentido de regras ou preceitos.

<sup>3</sup> Burke (2003) define uma obra de referência como um livro que não se destina a ser lido "de fio a pavio", mas ser "consultado" por alguém que "passa os olhos" ou "se refere" a ele em busca de uma peça específica de informação, um atalho para o conhecimento.

sobre qual tipo de acolhimento oferecemos e qual desejamos oferecer aos estudantes estrangeiros.

A fim de bem acolher, é necessário conhecer. Conhecer as dificuldades, os desafios, os fatores que favorecem ou desfavorecem a adaptação de alunos estrangeiros para que eles sejam realmente bem acolhidos. Muito nos falta conhecer. Andrade & Teixeira (2009), em artigo que versa sobre a adaptação de estudantes internacionais à universidade, chamam a atenção para o fato de que, embora diferentes estudos tenham ressaltado o papel das instituições de ensino superior (IES) no desenvolvimento psicossocial, no rendimento acadêmico e na adaptação à universidade dos estudantes, no Brasil não são realizadas pesquisas sistemáticas com relação à adaptação do aluno estrangeiro à educação e ao contexto social do país.

Ao chegar aos países de acolhimento, os imigrantes<sup>4</sup> defrontam-se com um novo cenário que inclui diferenças do meio ambiente físico e social, choque de culturas, estilos de vida, barreiras linguísticas<sup>5</sup> e sistemas legais distintos, entre outros (Von-Mühlen, Dewes & Leite, 2010). O processo adaptativo pode ser bastante estressante e relaciona-se a diferentes fatores. De acordo com Andrade & Teixeira (2009), estudos internacionais destacam como fatores relacionados ao processo de adaptação: a) características da transição, tais como o suporte recebido anterior e posteriormente à transição e o tempo de inserção na nova cultura; b) características do novo ambiente, envolvendo a percepção de aceitação na nova cultura, o grau de diferença entre a cultura de origem do estudante e a cultura em que ele está inserido, o suporte social disponível e a influência dos pares; (c) aspectos demográficos e sociais, tais como idade, gênero, recursos financeiros, escolaridade e vivências interculturais anteriores; e (d) fatores de personalidade e comportamentos pessoais, como estratégias de enfrentamento, disposição a enfrentar riscos, abertura à exploração e à busca de rede de apoio, expectativas do aluno, envolvimento acadêmico, habilidade com o idioma, aquisição de comportamentos sociais e senso de identidade étnica.

O senso de identidade étnica também é ressaltado por Subuhana (2009), ao afirmar que “O viver fora do país de origem parece reavivar a necessidade de não perder as

---

<sup>4</sup> Subuhana (2009) opta pelo termo “imigração temporária” para descrever os movimentos migratórios que são *a priori* limitados no tempo, como é o caso dos estudantes que, em países estrangeiros, visam obter determinadas qualificações, sobretudo em programas de graduação e pós-graduação de longa duração

<sup>5</sup> É interessante observar que, ainda entre estudantes que fazem uso do mesmo idioma, as diferenças locais, o sotaque e as gírias utilizadas constituem barreiras à comunicação, interferindo diretamente na adaptação.

tradições culturais de origem e de pertença, ao mesmo tempo que cada estudante se transforma em um ser globalizado e parte de um mundo moderno (p.123).” Não por acaso, o autor nomeia seu artigo “A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias”. Porque o senso de identidade étnica traduz, de muitas formas, a necessidade de reafirmar em um novo grupo a própria história. Porque, para o estrangeiro, o país que o recebe tem sua história singular, e esta história é até mesmo acessível a ele. Entretanto, a história daquele local não constitui parte de sua própria biografia, pois as experiências daquele passado não lhe pertencem, mas sim as de seu grupo de origem. Assim, como descreve Schütz (2010, p.503) “Somente as formas nas quais seus pais e avós viveram tornar-se-ão para cada pessoa elementos de sua própria forma de viver. Nem túmulos nem reminiscências podem ser transferidos ou conquistados.”

Outro fator significativo para o processo de adaptação do estudante estrangeiro, o suporte social encontra-se mais diretamente relacionado ao papel das IES no acolhimento. Os desafios da imigração temporária dos estudantes, desde a seleção até ao retorno ao país de origem, podem resultar em relevantes elementos de estresse e gerar problemas físicos, psicológicos e sociais (Andrade & Teixeira, 2009; Von-Mühlen, Dewes & Leite, 2010). Neste sentido, é fundamental o papel da IES, oferecendo apoio social de forma a reduzir o estresse de aculturação resultante da mudança para uma nova cultura, com diferentes valores.

Conquanto seja reconhecida a importância do apoio social para a superação do estresse aculturativo, “a preocupação com o aconselhamento e o acompanhamento aos alunos universitários é ainda recente no que diz respeito a serviços de apoio e orientação no Brasil, especialmente em relação a alunos internacionais. (Andrade & Teixeira, 2009, p.34).” Isto também é o que acontece na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), uma das principais instituições de pesquisa e ensino em saúde do Brasil, onde cresce gradativamente a atenção para com o acolhimento de alunos estrangeiros.

### **O acolhimento de alunos estrangeiros na Fundação Oswaldo Cruz**

Criada no ano de 1900, a Fiocruz é uma instituição de pesquisa, ensino e produção ligada ao Ministério de Saúde do Brasil. Com sede no Rio de Janeiro, conta com diversas unidades regionais no país e um escritório em Moçambique. Em termos do ensino, é equiparada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão responsável pela regulamentação e avaliação da pós-graduação

no Brasil, a uma instituição de ensino superior. Oferece programas de pós-graduação *stricto sensu* — 22 programas de mestrado e doutorado acadêmico e 11 de mestrado profissional — e cursos *lato sensu*, além de cursos técnicos em saúde.

Desde o início, a Fiocruz tem no ensino um de seus pilares e nos intercâmbios internacionais uma de suas características marcantes. Entretanto, até 2007 a preocupação da organização como um todo na recepção de alunos estrangeiros era focada em às questões legais, que eram referidas à Assessoria Internacional (atualmente Centro de Relações Internacionais em Saúde/CRIS). Dúvidas trazidas pelos estudantes estrangeiros, orientações sobre como/onde conseguir moradia ou como abrir uma conta bancária eram sanadas com a ajuda colegas ou outras pessoas de boa vontade, mas não necessariamente preparadas para auxiliar. Foi somente a partir de 2008 que a Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação (VPEIC) formalizou o atendimento ao ensino internacional em nível central, designando uma servidora para, em conjunto com setores de cooperação internacional das unidades e com o Centro de Relações Internacionais em Saúde, oferecer melhores condições de acolhimento de seus alunos estrangeiros.

A formalização do atendimento ao ensino internacional em nível central facilitou a coordenação das ações de acolhimento e também a comunicação dos alunos estrangeiros com a Coordenação Geral de Pós-Graduação (CGPG - instância correspondente à Pró-Reitoria universitária). A partir dos contatos e solicitações feitos pelos alunos e também em reuniões promovidas pela CGPG, foram constatadas como dificuldades centrais relatadas pelos estudantes as questões relativas à moradia, à assistência médica e à burocracia legal. Estas conclusões são coerentes com resultados de estudos anteriores, como o de Andrade & Teixeira (2009) e o de Sarriera, Wagner, Frizzo, & Berlim (2002).

Em resposta à demanda, a VPEIC tem realizado ações diversas para melhorar as condições de moradia, tais como um cadastro de imóveis disponíveis, alojamento gratuito — por tempo limitado, para que o aluno tenha tranquilidade para encontrar um imóvel —, parcerias com organizações sérias que possam facilitar o processo de locação. Comunicações pessoais e solicitações formais foram realizadas com instituições bancárias a fim de facilitar a abertura de contas. O Centro de Relações Internacionais em Saúde vem promovendo contatos com legisladores em busca de aprimoramento para o atendimento de estrangeiros que vêm estudar no Brasil. O Guia do Estudante apresenta uma seção destinada aos alunos estrangeiros.

A maior frequência dos alunos estrangeiros na CGPG tem propiciado também uma maior compreensão da vivência de cada um daqueles que vem estudar na Fiocruz. Além de pedidos de informações várias por meio eletrônico ou telefônico, os estudantes estrangeiros começaram a vir pessoalmente, e não apenas para resolver questões objetivas, tais como documentação ou moradia. Perguntados, os alunos relataram suas experiências de discriminação por conta de sua pele, de suas experiências de não-reconhecimento (“Tratam a África como se fosse um único país!”), queixaram-se da falta de amizades e de lazer. Outros, com mais dificuldades de falar, adoeceram: um teve uma crise epilética após passar por dificuldades para iniciar o curso. Outro ainda, com dificuldades financeiras decorrentes de atraso na bolsa, caiu em pranto na CGPG.

Os alunos estrangeiros vinham também, ora para falar de seus projetos, ora para relatar suas dificuldades, seus sucessos. Alguns, em trabalho de campo no país de origem, enviavam cartões postais para aquela que lhes atendia na CGPG; outros, traziam presentes — maçãs, chocolates, fotos de seus países natais. Como responder a essa demanda, que é claramente relacional? Que tipo de apoio podemos ofertar a nossos estudantes? Ninguém melhor para nos responder do que os próprios demandantes. E eles responderam. Responderam que precisam de maior integração ao chegar, que precisam ser acolhidos, “abraçados” pela Fiocruz; que querem mostrar seus trabalhos acadêmicos, mas também sua origem, seu país; que querem ter um lugar para eles — objetivamente, sob a forma de um setor, um espaço físico que os acolha e sirva de referência — e subjetivamente, mostrando seu valor para a IES que os recebe.

Em planejamento conjunto com os alunos estrangeiros e em resposta à demanda destes, a VPEIC tem investido na melhoria do acolhimento de seus alunos estrangeiros. Além das ações para assegurar condições dignas de vida, um encontro de acolhimento vem sendo organizado a partir das sugestões dos alunos estrangeiros. Trata-se não apenas da apresentação **da** e **para** a instituição mas, conforme proposto pelos estudantes, um encontro de pessoas e de culturas diferentes — com trabalhos acadêmicos, mas também com música, com dança, com “encontros”.

As reuniões com os estudantes para a organização do evento tem propiciado a ampliação dos vínculos entre os participantes. A partir desta percepção, tem-se trabalhado também, gradualmente, a construção de redes de apoio entre os próprios alunos, não apenas presencial mas também facilitada pelo uso de tecnologias da informação. A idéia é que, como defende Santos (2000), o uso das técnicas de

informação possa servir como elo entre as demais técnicas e como forma de aproximação entre as pessoas.

Constata-se ainda, dentre as solicitações dos alunos estrangeiros, a necessidade de serviços direcionados especificamente para os estudantes estrangeiros, de um lugar próprio a que possam se dirigir, e a Fiocruz vem trabalhando neste sentido.

### **Considerações finais**

Ao finalizarmos o texto, cumpre tecermos algumas considerações. A abordagem das necessidades trazidas pelos estudantes estrangeiros, a busca de novas e melhores formas de acolhimento parecem indicar uma pretensão de atendimento voltado para os alunos estrangeiros, ou seja, centrado no benefício destes. Sim, isso é verdade — também. Contudo, convém destacar um outro aspecto: o aprendizado — pessoal, organizacional, institucional — que representa acolher o aluno estrangeiro.

Conforme assinalamos anteriormente, as instituições encontram-se profundamente arraigadas tanto nos indivíduos que chegam quanto naqueles que os recebem. O acolher o estrangeiro significa, portanto, repensar as instituições — seja na acepção de organização, seja na acepção das regras. É a diferença trazida por aquele que vem de fora que o coloca em condições de questionar o que era até então inquestionável, em um processo contínuo de indagação do padrão cultural.

No momento em que a globalização centrada no capital se faz tão presente, o acolher o outro representa uma esperança de que cada passo de reconhecimento possa vir a ser um ponto de transformação que, somado a outros, resultará na atribuição de uma centralidade ao homem e não ao capital.

### **Referências bibliográficas**

Andrade, A. M. J., & Teixeira, M. A.P. (2009). Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. *Rev. bras. orientac. Prof.* 10(1), 33-44, São Paulo. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902009000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000100006&lng=pt&nrm=iso). acesso em 08 abr. 2013.

Burke, P. (2003). *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008- 2013), Disponível em ...<http://www.priberam.pt/dlpo/acolher>. acesso em 10 abr. 2013.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008- 2013), Disponível em ...<http://www.priberam.pt/dlpo/instituicao>. acesso em 10 abr. 2013.



- Ferreira, A. B. H (1975). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Garcia, A. (2012) Amizades de universitários estrangeiros no Brasil: um estudo exploratório. *Estud. psicol. (Campinas)*. 29(4), 471-479, Campinas. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2012000400002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000400002&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 08 abr. 2013.
- Moretto, C. C. & Terzis, A. (2010). O sofrimento nas instituições e possibilidades de intervenção grupal. *Arq. bras. psicol.*, (62)3, 42-47, Rio de Janeiro. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672010000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000300006&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 26 abr. 2013.
- Rubarth E.O. (1999) *A diplomacia brasileira e os temas sociais: o caso da saúde*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=167241](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=167241). acesso em 08 abr. 2013
- Santos, M.( 2000). A transição em Marcha. In M.Santos, *Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal*, (141-174). São Paulo: Editora Record.
- Sanriera, J. C., Wagner, A., Frizzo, K. R., & Berlim, C. S. (2002). Experiência multicultural em um grupo de conveniados africanos do programa PEC-G. *Psico*, 33, 447-460.
- Schmidt, B. V., & Martins, C. B. C. (2005). O Acordo Capes / Cofecub no Contexto da Pós-Graduação Brasileira. In: C. B. Martins. (Org.). *Diálogos entre o Brasil e a França: formação e cooperação acadêmica.*, (1) , 151-164 Recife: Massangana.
- Schütz, Alfred. (1944).The Stranger: An Essay in Social Psychology. *The American Journal of Sociology*. (49), 499-507. Disponível em <http://www.jstor.org/discover/10.2307/2771547?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102772017573>. acesso em 05 mai. 2013.
- Stallivieri, L. (2004). *Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras*. Caxias do Sul: Educus.
- Subuhana, C. (2007). Estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais. *Imaginario*, (13)14,321-355, São Paulo. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-666X2007000100015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2007000100015&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 10 abr. 2013.
- Subuhana, C. (2009). A Experiência sociocultural de Universitários da África Lusófona no Brasil:. Entremeando Histórias. *Pro-Posições* , 20 (1), 103-126. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072009000100007&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072009000100007&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S0103-73072009000100007. acesso em 10 abr. 2013.
- Von-Mühlen, B. K., Dewes, D., & Leite, J. C. D. C. (2010). Stress e processo de adaptação em pessoas que mudam de país: uma revisão de literatura. *Ciência em Movimento - Biociências e Saúde*, (24), 59-67. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ipa/index.php/EUM/article/view/61/36>. acesso em 10 abr. 2013